

DOS NOVOS E VELHOS TERRITÓRIOS NO FUTEBOL: INTERSTÍCIOS REFLEXIVOS DO TORCER NA TRANSIÇÃO ESTÁDIO/ARENA

Sarah Teixeira Soutto Mayor¹
Georgino Jorge de Souza Neto²
Sílvio Ricardo da Silva³

RESUMO: O artigo tem como objetivo propiciar reflexões sobre as recentes transformações vislumbradas no futebol brasileiro, sobretudo na realidade mineira, em virtude da realização da Copa do Mundo de 2014. O foco principal é a mudança paulatina dos estádios em arenas, uma das exigências da FIFA e, por consequência, as (re) configurações das relações do torcer. Com características ensaísticas, o texto discute o objetivo proposto por meio de uma abordagem interdisciplinar, fundada na compreensão do futebol enquanto objeto das ciências humanas e sociais, problematizando as transformações por meio dos conceitos e das noções de território, topofilia, tradição e modernização.

Palavras-chave: Copa do Mundo; território; topofilia; tradição; modernização.

THE NEWS AND OLDS TERRITORIES IN FOOTBALL: REFLEXIVE INTERTICES OF FANS IN THE TRANSITION STADIUM/ARENA

ABSTRACT: The article aims at providing reflections on the recent changes envisioned in Brazilian football, especially in the Minas Gerais' reality, due to the hosting of the World Cup 2014. The main focus is the gradual change of the stadiums in arenas, one of the requirements of FIFA and, therefore, the relations of football fans. With essayistic features, the text discusses the proposed through an interdisciplinary approach, based on the understanding of football as an object of human and social sciences, discussing the transformation through the concepts and notions of territory, topophilia, tradition and modernization.

Keywords: World Cup; territory; topophilia; tradition; modernization.

¹ Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Aluna de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: sarahtsouttomayor@hotmail.com

² Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Professor da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: netogeorgino@gmail.com

³ Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), coordenador e docente do Programa de Pós Graduação em Estudos do Lazer (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: prof.srs@gmail.com

Introdução

Este texto consiste em uma junção de esforços reflexivos pautados em experiências de cunho teórico e empírico vivenciadas no Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT), sediado na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Mediante as inúmeras questões postas na atualidade, no que tange à realização de megaeventos esportivos no Brasil, o presente artigo pretende problematizar algumas das modificações efetivadas recentemente em razão da promoção da Copa do Mundo no país, em 2014. Pretende-se, especificamente, propor uma reflexão sobre a paulatina transformação dos estádios em arenas.

Compreendendo a multidimensionalidade de aspectos que compõem o futebol e que ultrapassa, sobremaneira, o campo esportivo, propõe-se um olhar interdisciplinar para o objeto em questão, pautado, sobretudo, em algumas contribuições teóricas de áreas do conhecimento como a geografia, a antropologia e a história.

Neste sentido, as transformações observadas e debatidas no GEFUT, por meio da realização de inúmeras pesquisas que tematizam o futebol na perspectiva das ciências humanas e sociais, tem propiciado reflexões que se voltam para as relações entre torcedor e estádio/arena. Intenciona-se, assim, propiciar um debate fundado, mais precisamente, em conceitos e noções como território, topofilia, tradição e modernização, no intuito de elencar elementos que sejam capazes de problematizar as atuais transformações ocorridas no futebol nacional.

Ressaltamos, assim, que este é um texto ensaístico, fundado em reflexões produzidas sobre o recente cenário futebolístico brasileiro, tomando por base aspectos percebidos na realidade da capital mineira, no estádio/arena do Mineirão, em Belo Horizonte, uma das cidades-sedes da Copa do Mundo de 2014.

De onde partimos? Incursões teóricas que fundamentam o debate

A construção de novos espaços para os jogos de futebol no Brasil, bem como a reforma dos já existentes, em função da realização da Copa do Mundo, tem suscitado uma infinidade de debates sobre o tema. De fato, um novo costume de pertencimento ao espaço se inaugura, juntamente com a noção das chamadas *arenas* (em substituição ao socialmente encarnado conceito de *estádio*).

A passagem do uso da palavra *estádio* para a palavra *arena*, mais que uma simples mudança semântica indicativa de um espaço, aponta para a ocorrência de uma mudança dos modos de se comportar e de se pertencer ao lugar. Sobre os usos das palavras com o intuito de configuração de um comportamento pessoal/social, Reinhart Koselleck esclarece que “todo conceito articula-se a certo contexto sobre o qual também pode atuar, tornando-o compreensível”. O autor, que se debruça sobre uma “história dos conceitos”, propõe ainda que “todo conceito é não apenas efetivo enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua”⁴.

Estes primeiros movimentos de mudança podem ser pensados com a inauguração de *arenas* que passam a se associar a grandes empresas e marcas, fazendo do lugar mais que um espaço de jogo, mas também e, principalmente, um lugar de diversão cada vez mais sofisticado, com acesso a um número crescente de bens e serviços de lazer atrelados ao espetáculo esportivo. Inauguram-se, assim, as primeiras *arenas* brasileiras com esta nova configuração/denominação.

A partir destas inferências introdutórias, cabe problematizar a relação estabelecida entre sujeito e espaço, ou neste caso, entre torcedor e *estádio/arena*, no novo cenário que se desenha a partir da construção de uma espacialidade distinta (que sugere um modo de se comportar igualmente distinto). Aspectos pontuais, como preço dos ingressos,

⁴ KOSELLECK, Reinhart. *Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 134-146, 1992.

arquitetura opressora, novos códigos de apropriação do lugar, dentre outros, indicam uma leitura mais ampliada e crítica do processo.

De fato, esta relação nunca é estática. Está sempre em movimento, ora comportando acomodações, ora impingindo resistências. Neste sentido, cabe apontar que:

O indivíduo e a sociedade também possuem a liberdade de se apropriar da estrutura espacial que lhe é dada de modo particular e redefinir regras de utilização, até mesmo subvertendo certas predefinições da concepção de uso original. Na verdade, o que se estabelece é uma relação necessária e inevitável entre sociedade e espaço que, quando consolidada, termina por fazer da dimensão espacial um componente desta própria sociedade.⁵

De modo semelhante, Canclini⁶ problematiza a relação entre mercado (no caso deste artigo, tem-se as empresas e marcas que agenciam a Copa) e comunidades locais, com a seguinte indagação: “onde reside o poder”? A atenção para a ação efetiva das pessoas, que não estão alheias aos processos de intervenção, torna-se, assim, de igual relevância. Conforme também aponta Ginzburg, “[...] uma visão rigidamente hierárquica se desmorona no choque com a adversidade social e cultural [...]”⁷.

Para refletir sobre esta complexidade que o novo cenário desenha na atualidade, elegeu-se algumas noções e alguns conceitos para fomentar o debate, tais como território, topofilia, tradição e modernização. Antes de dar início às reflexões aqui propostas, faz-se necessário esclarecer o que se entende, neste artigo, por cada um dos termos citados.

Uma das possibilidades de pensar o estádio/arena de futebol é por meio do par território/desterritorialização. Para Raffestin, espaço e território não são termos equivalentes. A diferença reside na lógica de que “o território se forma a partir do espaço”, sendo o resultado de uma ação

⁵ BARRETTO, Túlio Velho; NASCIMENTO, Cristiano. *Os espaços físicos e o habitus dos torcedores brasileiros em estádios de futebol: o que pode mudar com a adoção do ‘padrão Fifa’ para a Copa de 2014?*. In: **35º Reunião Anual da ANPOCS**, 2011, p. 04.

⁶ CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, p.262.

⁷ GINZBURG, Carlo. *PROVAS E POSSIBILIDADES À MARGEM DE ‘IL RITMO DE MARTÍN GUERRE, DE NATALIE ZENON DAVIS*. In: _____ (Org.). **A micro história e outros ensaios**, Lisboa: Difel, 1989, p.187.

conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao apropriar de um espaço concreto ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator "territorializa" o espaço⁸. Raffestin também ressalta que o território precisa ser pensado a partir das relações de poder: "do estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que produzem o território"⁹.

Para Oliveira, todos os indivíduos se identificam com um ou mais territórios: "seja pela localização da habitação, dos terrenos que possuem, seja ainda pelos lugares onde passa o cotidiano, os indivíduos vão criando vínculos com o território"¹⁰. A autora ressalta que o território é uma peça fundamental para a construção da identidade do indivíduo, sob uma perspectiva de apropriação, de domínio físico, mas também "numa visão onde a identificação simbólica está presente"¹¹. Neste simbolismo, considera-se, ainda, a visão do território "como um abrigo, um lar, um sentimento de segurança, uma ligação afetiva e sentimental ao meio"¹².

Haesbaert explicita que território, em qualquer acepção, "tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional 'poder político'. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação"¹³. Para o autor, território é um espaço socialmente construído. Nesta perspectiva, território e "des-territorialização" necessitam ser "distinguidos por meio dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato, controlam esse (s) espaço (s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o (s) compõe (m)"¹⁴.

⁸ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

⁹ Idem, p.152.

¹⁰ OLIVEIRA, Ana Maria Cortez Vaz dos Santos. **Processos de desterritorialização e filiação ao lugar: o caso da Aldeia da Luz**. [Dissertação de mestrado em Geografia Humana]. Faculdade de letras, Universidade de Coimbra, 2011, p.6.

¹¹ Idem.

¹² Idem, p.7.

¹³ HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**, 2004, p.1.

¹⁴ Idem, p.2.

Enquanto “continuum” dentro de um processo de dominação e/ou apropriação, o território e a territorialização devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações – que é também e, sobretudo, multiplicidade de poderes, neles incorporados através dos múltiplos agentes/sujeitos envolvidos. Assim, devemos primeiramente distinguir os territórios de acordo com os sujeitos que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja etc¹⁵.

Já a desterritorialização pode ser pensada por meio da perda ou do enfraquecimento da apropriação simbólica pelo ator social, embora não implique, necessariamente, a extinção do território. Como pondera Oliveira, todos os territórios, sejam eles de dimensão funcional ou simbólica, estão sujeitos a riscos. Assim, “todos os indivíduos se encontram vulneráveis a quebras de vínculos que os unem a determinado território e quando estas situações surgem, estamos perante processos de desterritorialização”¹⁶.

Embora estes não sejam conceitos equivalentes ao que propôs Marc Augé em relação à sua aceção de lugar e não-lugar, algumas correlações podem ser pensadas. Augé entende que o lugar tem um sentido limitado e simbólico, ligando-se à ideia de espaço antropológico, que se refere sempre “a um acontecimento (que ocorreu), a um mito (lugar dito), ou a uma história (lugar histórico)”. Afirma também que “se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá o não-lugar”.¹⁷ Estas ideias ajudam a compreender o sentido de território proposto por Raffestin e, também, de desterritorialização, quando da perda ou enfraquecimento do sentido simbólico que confere ao sujeito pertencimento a determinado território.

Os conceitos ora trabalhados também demarcam aproximações com o conceito de topofilia de Yi-Fu Tuan¹⁸, que seria “o elo afetivo entre pessoa e

¹⁵ Idem, p. 3

¹⁶ OLIVEIRA, Ana Maria Cortez Vaz dos Santos. **Processos de desterritorialização e filiação ao lugar: o caso da Aldeia da Luz**. [Dissertação de mestrado em Geografia Humana]. Faculdade de letras, Universidade de Coimbra, 2011, p.10.

¹⁷ AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. São Paulo: Papirus, 1994, p.77.

¹⁸ TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980, p.5.

lugar ou ambiente físico”. Nesta acepção, o autor demarca o reconhecimento do sujeito a um lugar de “afetos”, inerente a uma história de experiências que lhe garanta a sedimentação de um espaço topofílico. Para Oliveira, topofilia é um conceito que aborda o sentimento de emoção e de pertença a um lugar ou região de origem, de residência, de trabalho ou de lazer. Para a autora, o território se assume enquanto espaço de relação de poder, de palco de ligações afetivas e de identidade entre o indivíduo, o grupo social e a sociedade. Desta forma, “quando existem fraturas topofílicas, ou seja, quebras na relação do homem com o seu território, estamos perante processos de desterritorialização”¹⁹.

Já as noções de tradição e modernização, embora pareçam antagônicas, podem ser pensadas como complementares, mediante relações de interesses que extrapolam um entendimento simples desses termos. Partindo das reflexões de Hobsbawm, Hall, Canclini, e Melo, entende-se, neste artigo, que a tradição é fundamentada muito mais por um conjunto de construções simbólicas historicamente situadas do que por uma longa permanência de práticas no tempo, como comumente se convém denominar, até mesmo porque seria impossível determinar a quantidade exata de tempo necessária para uma prática ser definida como tradicional, conforme pondera Melo²⁰:

Quem estabelece o que é tradição? O que chamamos de tradição? Como chegou a ser assim denominada? Como se anexam valores positivos ou negativos a determinadas

¹⁹ OLIVEIRA, Ana Maria Cortez Vaz dos Santos. **Processos de desterritorialização e filiação ao lugar: o caso da Aldeia da Luz**. [Dissertação de mestrado em Geografia Humana]. Faculdade de letras, Universidade de Coimbra, 2011, pp.8 e 11.

Em relação à desterritorialização, Haesbaert chama a atenção para alguns cuidados em seu entendimento. Para o autor, pensar que estamos imersos em processos de desterritorialização é demasiado simples e politicamente imobilizante, pois supõe, de alguma forma que os sujeitos estão à mercê do controle. Sugere não falar apenas em desterritorialização, mas também em multiterritorialidade e territórios-rede, reconhecendo-se, assim, a importância do território na dinâmica transformadora da sociedade. Assim, o território é multi-escalar e multi-dimensional. Para mais informações, ver: HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**, 2004.

²⁰ MELO, Victor Andrade de. **A animação cultural: conceitos e propostas**. Campinas: Papirus, 2006, p.34.

manifestações? Por que algumas são tidas como positivas enquanto outras não [...]?

Neste sentido, chama-se a atenção para o caráter simbólico da tradição e, conseqüentemente, para as ações de poder que tal termo evoca. Hall²¹ observa que a tradição está muito mais relacionada às formas de associação e articulação dos seus elementos do que com a mera persistência das velhas formas. Assim, os elementos da tradição podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância.

Para Canclini²², a referência à tradição pode ser um esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje, um referente histórico e um recurso simbólico contemporâneo, que possa estabelecer, assim, uma conexão com o passado. Uma moda *retrô*, “imbuída no prestígio da antiguidade e das origens”²³.

Já Hobsbawm²⁴ observa que tradições podem ser inventadas com alguma finalidade. Segundo o autor, elas tentam, sempre que possível, estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado e o utilizam como legitimador das ações, por meio do “contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar, de maneira imutável e invariável, ao menos alguns aspectos da vida social”²⁵. Hobsbawm observa, ainda, que essas práticas podem ser de natureza real ou simbólica e o passado histórico na qual são inseridas não precisa ser remoto, “perdido nas brumas do tempo”, caracterizando-se por uma continuidade bastante artificial²⁶. Por esta razão, a ideia de tradição aqui apresentada, pretende se aproximar da ideia de discurso, que legitima ações/práticas na tentativa de perpetuar determinados aspectos relacionados a um passado, por vezes, inventado.

²¹ HALL, Stuart. Da diáspora. **Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

²² CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

²³ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 Ed. Campinas: Unicamp, 2003, p.177.

²⁴ HOBSBAWM, Eric. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

²⁵ Idem, p.10.

²⁶ Idem, p.9.

Em relação à modernização, Carvalho²⁷ observa que o termo, ao longo dos séculos XIX e XX abarcou ideias, práticas, representações e projetos de modernidade apropriados “de maneira ideológica e aplicados pragmaticamente na tentativa de equiparar povos e nações que, em contextos históricos específicos, eram tomados como modelares do que seja a modernidade, em termos econômicos, políticos e/ou sociais”. O autor ressalta que a palavra modernidade tem se prestado a diferentes interpretações e, não rara, é traduzida na mesma ideia de modernização. Interpretada como “época da história”, em que predominariam as categorias da “novidade”, da “superação” e do “progresso” sob a égide do marco da Revolução Francesa, traduz-se, muitas vezes, como questão tratada em termos de “modernização”²⁸.

Neste sentido, torna-se importante observar o que Carvalho chama a atenção: a polissemia dos termos moderno, modernidade e modernização, o que sugere a necessidade de “um caráter aberto em sua ponderação”²⁹. De forma semelhante, tem-se a noção de tradição, igualmente polissêmica. Ambas as noções mostram-se como importantes recursos para refletir sobre alguns aspectos das propostas de modernização do Novo Mineirão e suas ambiguidades.

²⁷ CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias*. p. 9, sd.

²⁸ Segundo Carvalho, o termo modernidade surgiu “eivado de tudo aquilo que vinha impregnando a agrupação de elementos que, ao longo do tempo, foram se sobrepondo, se justapondo, se imbricando, criando inter-relações e interdependências múltiplas até dar forma àquilo que se nomeou moderno”. Já a palavra modernização foi introduzida como termo técnico nos anos 1950, na tentativa, conforme explicitou o autor, de “conceituar um conjunto de processos cumulativos e de reforço mútuo à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; à expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da escola formal; à secularização de valores e de normas, dentre outros” (Idem, p.9).

²⁹ Idem.

Desterritorialização ou construção de novos territórios? Perda ou reconfiguração da topofilia?

Ir a um estádio/arena de futebol pode se constituir em um exercício de vivificação do espaço, transmutando-o em território, sob a lógica de Raffestin³⁰. No dizer de Certeau, o espaço é o lugar praticado. Segundo este pensamento, a relação que o torcedor estabelece com o estádio/arena pode tender a uma latente afetividade, desde que este sentimento seja gestado em um processo longo e duradouro.

Destarte, com o advento das modificações nos estádios (necessidades prementes dos megaeventos esportivos da atualidade), fortes discussões começaram a ser empreendidas sobre os significados e as implicações que as mudanças territoriais podem implicar nos hábitos do torcedor e do torcer. Percebe-se, no entanto, que muitas das argumentações, sobretudo as que lamentam uma suposta perda da essência do “ser torcedor” se fundamentam em uma noção construída sobre uma referência de estádio, que se baseia em hábitos e comportamentos adquiridos ao longo da história do futebol e que se expressa de forma individual e coletiva. As torcidas organizadas têm, a partir dos anos 1970, uma parcela significativa de responsabilidade sobre as “formas” do torcer no futebol³¹.

Assim, os frequentadores dos estádios acostumaram-se, historicamente, a eleger padrões de normalidade e de anormalidade (no sentido de adequação às normas criadas) para aqueles espaços, como em quaisquer outros da vida em sociedade. Esta é uma prática comum e integrante de qualquer meio social: a eleição de práticas, saberes e comportamentos que ocupam uma categoria central, enquanto outras se restringem a uma condição marginal. Normalmente, o centro é construído por uma maioria, que se destaca menos pela questão numérica e mais pela detenção de códigos simbólicos ou bens materiais, que conferem maior legitimidade e pertencimento a certos territórios.

³⁰ RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

³¹ TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002.

No caso dos estádios brasileiros, convencionou-se, em um longo processo de popularização do futebol, a adoção de certos códigos comportamentais, que se distinguem nos variados setores dos estádios. As arquibancadas foram marcadas, em maior ou menor grau (dependendo do setor) pela possibilidade de assistir aos jogos de maneira mais desconectada das normativas e dos códigos de conduta cotidianos. Por exemplo, até pouco tempo, era comum e, de certa forma, aceitável no Mineirão, arremessar copos com urina na torcida adversária. Jogar lixo no chão, cuspir, xingar toda sorte de palavrões e assediar as mulheres torcedoras eram quase que partes constituintes daquele território, aqui, já com a incorporação do sentido de pertencimento.

Concomitante às características de comportamento assinaladas, há um território que se correlaciona às representações do jogo tido como popular, bem como do tipo de público presente, em sua maioria. Não raro, o que se encontrava no Mineirão era uma precária infraestrutura para acomodar o torcedor, como banheiros danificados e sem serviço de limpeza, algumas partes de arquibancadas quebradas e sujas e serviço de alimentação duvidoso. Porém, para muitos dos torcedores, estas características é que conferiam legitimidade ao lugar, fornecendo-lhes algo próprio, elementos típicos de uma identidade do torcer, capaz de distinguir o futebol de outras práticas esportivas.

Com o formato dos/as novos/as estádios/arenas, grandes polêmicas se instauraram. Estaria o futebol se modificando, a ponto de perder sua identidade? As novas exigências estruturais reduziriam o elo afetivo dos torcedores com o território e com o torcer? Seria possível pensar em um processo de desterritorialização? Neste caso, é preciso atentar à ideia de referência posta anteriormente para questionar: a qual modelo de torcer e de experienciar o estádio as críticas se contrapõem? Será que se pode pensar em uma forma única de viver aquele território, digna do legítimo torcedor?

Estes questionamentos podem ainda se desdobrar na seguinte pergunta: por que, para se sentir torcedor e pertencente ao estádio é

necessária a adesão a uma série de características, que vão desde a um tipo idealizado de comportamento até a questões estruturais? Vejamos: algumas das críticas observadas em Belo Horizonte se pautam na perda de características quase sacralizadas nos estádios por determinado público, em prol de medidas estruturadoras que envolvem, supostamente, maior segurança e conforto, como a melhoria da acessibilidade e dos banheiros.

Por outro lado, faz-se necessário considerar as inúmeras interferências de grandes órgãos como a FIFA nos modos de “viver o estádio” em todo o país, muitas das quais tem desconsiderado as culturas locais. Não se pode perder de vista que as ações estruturadoras tem como mote principal a venda do futebol enquanto espetáculo midiático, e não a preocupação com o bem-estar daqueles que já são quase economicamente dispensáveis nos estádios, os torcedores (embora estes sejam os donos da emoção, um valor também mercantilizável, como ponderou Curi³²).

Neste caso, podemos pensar na substituição do nome “estádio” para “arena” como uma higienização do espaço e dos comportamentos ali instaurados, na tentativa de inaugurar um formato mais “civilizado” e adequado à transmissão televisiva e ao marketing que se processa em torno dela. O próprio preço dos ingressos, que aumentou drasticamente, pode ser um dos indicativos de uma seleção de um público desejável, bem como as próprias normativas impostas nas novas arenas, que buscam impedir certos comportamentos tidos como populares. Essa vigilância ao torcedor, presente no novo Mineirão, visa estabelecer uma nova conduta, mais afeita aos produtos “FIFA”, e que impõe constrangimentos àqueles habituados a outra forma de presenciar o jogo. Neste estádio, por exemplo, há um número considerável de agentes contratados pela empresa administradora que vigiam o comportamento do torcedor e inibem ações como subir nas cadeiras e, até mesmo, apoiar o pé sobre elas. Há também certa pressão para que os torcedores assistam aos jogos sentados.

No entanto, para além do controle do comportamento, a precariedade de alguns aspectos do antigo estádio, relacionada a uma identidade

³² CURI, Martin. Espaços da emoção: Os torcedores no Estádio. In: 36° Encontro Anual da ANPOCS, 2012.

“tradicional” e indiscutível do torcer, também merece ser problematizada, conforme se verá mais adiante. Para pensar esta ambiguidade, propõe-se, de início, uma breve incursão à historiografia do torcer, para que, posteriormente, as noções de tradição e modernização sejam pensadas na problematização das disputas simbólicas e materiais pela legitimidade desta prática social.

Dos constrangimentos do torcer: o Eterno Retorno?³³

Pensado historicamente, o torcer se articula a uma densa rede de transformações sociais. Primeiramente, vinculado à lógica da assistência, desprovido de uma ligação clubística afetiva mais arraigada, estar à beira dos campos de futebol na transição dos séculos XIX/XX representava, via de regra, um comportamento social distintivo. Neste sentido, se pretendia muito mais estar associado a um novo conjunto de valores do que necessariamente demonstrar preferências e afetos a este ou aquele clube de futebol.

No entanto, a gestação de um sentimento mais intenso do sujeito para com o clube não tardou acontecer. Nas primeiras décadas do século XX já se é possível considerar, a partir de um conjunto de fontes acessadas (notadamente os periódicos³⁴), o encrudescimento de um pertencimento clubístico, que inaugura o hábito do torcer, trazendo com ele a reboque a figura do (a) torcedor(a). A título de exemplo, encontram-se, dentre uma vasta gama de fontes, notas como as listadas abaixo:

³³ O Eterno Retorno é um conceito não acabado em vida por Friedrich Nietzsche, trabalhado em vários de seus textos. Ele mesmo considerava como seu pensamento mais profundo e amedrontador, que lhe veio à mente durante uma caminhada, ao contemplar uma formação rochosa. Um dos aspectos do Eterno Retorno diz respeito aos ciclos repetitivos da vida: estamos sempre presos a um número limitado de fatos, fatos estes que se repetiram no passado, ocorrem no presente e se repetirão no futuro.

³⁴ Alguns dos jornais que reverberavam notícias sobre o futebol e o torcer na capital mineira neste período são: *Minas Geraes*; *Gazeta Esportiva*; *O Goal*; *O Foot-Ball*; *Correio Mineiro*.

Palestra X Morro Velho – Está marcado para o próximo domingo um encontro entre os quadros do Palestra Itália, desta Capital, e o Morro Velho, de Villa Nova de Lima, naquela localidade. Na casa Ranieri, à rua Espírito Santo, acha-se uma lista para receber as assignaturas de todos os torcedores do quadro palestrino que quizerem acompanhar o Palestra àquella localidade³⁵.

AMÉRICA X VILLA NOVA – Realiza-se hoje em Villa Nova de Lima importante encontro de foot-ball entre os quadros acima (...). Muitos torcedores do America acompanharão este club na sua excursão de hoje³⁶.

Toledo³⁷ ressalta que houve maior acedência dos torcedores nos anos 1940 e 1950, “sobretudo, no que diz respeito às formas coletivizadas do torcer”. Segundo o autor, esse momento foi favorecido pelo incremento dos meios de comunicação, que “aceleraram o processo de simbiose e expansão da comunidade de interesses constituída pelos profissionais, especialistas e torcedores, transformando o futebol em esporte de massa”³⁸. Toledo afirma, assim, que coletividades de torcedores existem no Brasil, desde a década de 1940, quando foram fundadas as Torcidas Uniformizadas (TU's), compostas, sobretudo, por agrupamentos de jovens de classe média, em sua maioria, sócios dos clubes, “cujas atividades torcedoras se somavam aos interesses e aspirações dos diretores das referidas associações esportivas”³⁹.

Com a crescente organização do esporte (fator contributo na implementação do profissionalismo), bem como a instituição de rivalidades clubísticas e, ainda, o fato de determinados clubes estabelecerem laços identitários explícitos (como os clubes vinculados às colônias de imigrantes), o futebol absorve uma pluralidade de sujeitos, o que confere a ele, cada vez mais, um *status* de prática popular (para quem o praticava, e principalmente para aqueles que se situavam nos arredores dos campos).

³⁵ MINAS GERAES, Belo Horizonte 26 de jan.1922 – Seção Desportos, p. 6.

³⁶ MINAS GERAES, Belo Horizonte 24 de dez.1922 – Seção Desportos, p. 9.

³⁷ TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2002, p.226.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

A partir do incremento de formas institucionalizadas de torcer, outras possibilidades de organização em grupos com espaços de poder e inserção na vida cotidiana do clube começaram a se configurar. Posteriormente às TU's, as denominadas "torcidas organizadas", surgidas no final dos anos 1960, inauguraram uma nova etapa no que concerne a um modelo diferenciado de ser e estar nas arquibancadas.

Indícios importantes do desenvolvimento desta nova prática podem ser percebidos em categorias como: consumo, violência e comportamentos desviantes, relações econômicas e políticas, educação social (via educação para o torcer), dentre outras. Todos estes elementos se entrecruzam no avanço assombroso do futebol no cotidiano das pessoas. Torcer representava, mais que uma explícita preferência clubística, um *ethos* singular de ser e pertencer socialmente.

Sobre este aspecto, o estudioso Bernardo Buarque de Hollanda ressalta que:

[...] os excessos na demonstração do fervor pelo clube passavam a assumir conotações negativas, de modo a preponderar sobre as tradicionais imagens de abnegação, sacrifício e altruísmo. Desta feita, as narrações jornalísticas das invasões de torcedores de uma cidade a outra, de uma região a outra, de um país a outro ou de um continente a outro eram substituídas por representações menos festivas e enaltecidas.⁴⁰

Em meio a todo este processo de transformações, que gesta uma nova forma de se apropriar dos códigos sociais (e aqui, neste caso, nos importa particularmente a ideia de um novo torcedor), uma possibilidade de reflexão reside no prisma de entendimento posto na lógica de um retorno aos modos de torcer situados no nascedouro histórico/aristocrático do futebol.

Longe de qualquer risco de anacronismos, este pensamento pode enriquecer o debate ao permitir uma análise mais ampliada de comparação

⁴⁰ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. [Tese de doutorado em História Social da Cultura]. Departamento de História, PUC-RJ, 2008, p.26.

(respeitando, obviamente, as aproximações e os afastamentos que a distância temporal comporta). Ao impingir uma postura quase fidalga, onde o comportamento (corporal e moral) do torcedor da atualidade deve ser reescrito sob uma égide normativa de um imperativo de valores absolutamente distante do que se convencionou como modo de torcer nas últimas décadas, será que a nova ordem nos aproxima (ou a quem a ele adere) dos chamados *assistentes*, aqueles que iam ao estádio, no início do século passado, apenas para assistir a um espetáculo formatado para um grupo distintivo?

A assepsia (espacial e comportamental) estabelecida com a inauguração das arenas pode remontar a um período do futebol em que a distinção representava uma necessidade, um imperativo de pertencimento ao espetáculo esportivo. Como perspectiva provocativa, caberia o questionamento: será que há uma aproximação, atualmente, de ideais do torcer situados naquele passado? Em que medida, ao impor-se um novo código de posturas e normas, formata-se um modelo de torcedor bastante próximo daqueles *sportmen/sportwomen* do início do século XX?

Certamente não se tem a pretensão de responder a estas perguntas, num ensaio breve, escrito no tempo em que a história se faz (analisar este período num momento posterior provavelmente permitirá uma composição de olhares mais adequada e pertinente).

Assim, pensando nos signos que elegeram o futebol quase um sinônimo do Brasil, importa, neste momento, propiciar a reflexão de que junto com a identificação a um território específico (estádio ou arena), construiu-se e constroem-se, também, possibilidades identitárias do torcer. Neste caso, procura-se incitar um debate acerca dos conflitos ou consensos em torno da gestação de um lugar do torcer, bem como da legitimação de certas formas que esta manifestação possibilita.

Tradição e modernização além das quatro linhas

O que se percebe, com bastante frequência, é a recorrente utilização das noções de tradição e modernização no jogo que acontece fora das

quatro linhas, o das disputas simbólicas. Torcedores, que creditam para si o poder do legítimo “torcer”, aquele vinculado prioritariamente às manifestações das torcidas organizadas que se consolidaram no país, sobretudo, nas décadas finais do século XX, após um longo processo histórico de transformação, invocam a noção de tradição para defender a permanência dos hábitos e costumes que garantiram a sua presença nos estádios. Já as empresas e o poder público, responsáveis pela adequação aos padrões FIFA, por sua vez, podem recorrer à tradição para justificar a preservação e a divulgação dos estádios tornados arenas, via reforma e incremento das instalações.

As ditas modernizações, assim, tornam-se necessárias para conferir valor à própria história das construções. No *site* da empresa que administra o novo estádio do Mineirão, a Minas Arena, tem-se: “O Mineirão é uma arena multiuso com elevados padrões de qualidade. Toda sua tradição esportiva e cultural ganha com o que há de mais moderno em termos de conforto e tecnologia”⁴¹.

Também como exemplo da preservação de certo passado, pode-se citar a criação ou o incremento de instituições voltadas à memória, como os recentes investimentos ao Museu Brasileiro do Futebol, situado no Mineirão, em Belo Horizonte. Estas ações podem ser pensadas como importantes ferramentas para o fomento de um sentimento de orgulho e pertencimento ao novo espaço. Neste caso, a associação de símbolos do passado, representados pelo acervo do museu, às reformas que visam, declaradamente, torna-lo mais “moderno” e adequado a uma nova lógica dos espetáculos esportivos, podem ser fatores-chave para se compreender a intrínseca relação estabelecida entre o que se deseja novo e o que não pode se perder para que não haja uma ruptura do vínculo com um passado anunciado.

Em meio às propostas de modernização do Novo Mineirão, inseridas no primeiro Planejamento Estratégico Integrado da cidade de Belo Horizonte

⁴¹ Ver: <http://www.minasarena.com.br/mineirao/estadio/>

para a Copa de 2014, há claras referências à preservação da memória pelos gestores envolvidos⁴². O termo “modernização”, ao mesmo tempo em que visa transmitir uma ideia de superação de um modelo ultrapassado, como observa Lages, aparece nas falas dos gestores como fomentador de um cuidado à memória. Em uma delas, tem-se: “Vamos ter um Museu do Futebol [...] muitos estádios no Brasil são construídos ou do mundo são construídos, mas esquecem da memória, da história”⁴³.

Sobre esta questão, Curi⁴⁴ também traz uma constatação importante sobre o Engenhão, estádio localizado no Rio de Janeiro e arrendado pelo Botafogo. Para o autor, este estádio/arena não conseguiu se tornar um lugar topofílico para os torcedores, pois, sob a égide do moderno, foi construído recentemente para abrigar os novos megaeventos esportivos. Nesse caso, embora haja uma valorização simbólica do moderno, traduzido, segundo Curi por aquilo que se aproxima de um modelo europeu, o Botafogo acaba por necessitar de laços locais para atrair seus torcedores. Um dos fortes exemplos citados pelo autor é a construção pelo clube de estátuas dos principais jogadores de sua história na porta do estádio. Assim, a junção do “moderno” com o tradicional torna-se elemento crucial para a preservação do elo topofílico entre torcedor e estádio/arena e para a própria manutenção do sentido do futebol brasileiro mediante as grandes mudanças da atualidade.

A tradição, composta pelos símbolos da memória, pode ser pensada por vários ângulos, embora todos se convertam para um propósito semelhante. O primeiro deles pode ser pensado pela ótica daqueles torcedores que, ineptos às mudanças, justificam sua posição por meio do receio de que os estádios percam aquelas características que eles julgam tradicionais. Pensando no estádio enquanto território, não se pode desconsiderar o elo topofílico entre o torcedor e o lugar, construído em uma

⁴² LAGES, Carlos Eduardo Dias Munaier. **A Copa de 2014 na capital mineira e relações com as políticas públicas de esporte e lazer – estudo a partir de projetos que compõem o Planejamento Estratégico Integrado do Estado de Minas Gerais e da Prefeitura de Belo Horizonte**. [Dissertação de mestrado em Estudos do Lazer]. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional da UFMG, 2012, pp.211.

⁴³ Idem, p.191

⁴⁴ CURI, Martin. Espaços da emoção: Os torcedores no Estádio. In: **36º Encontro Anual da ANPOCS**, 2012.

relação duradoura e repleta de significados que, de certa forma, se ampara em noções pré-determinadas do que é viver o lugar do estádio. Da assistência ao torcer, muito se transformou e sentidos foram sendo construídos para cada momento histórico vivido pelo futebol.

No entanto, este reconhecimento não exige o questionamento daquilo que é defendido como o “legítimo torcer” por grande parte dos torcedores. Seria tradição a má conservação dos estádios, a precária estrutura de alimentação e limpeza e a falta de segurança? Para além da estrutura física, também é preciso pensar nos comportamentos, dado que os espaços também educam. Assim, pode-se chamar de tradicionais as inúmeras formas de violências, sejam físicas ou simbólicas, naturalizadas nos estádios ao longo, sobretudo, das últimas décadas do século XX? É claro que não cabe aqui generalizar, mas é preciso pensar quais comportamentos legitimam a tradição reivindicada por alguns grupos de torcedores, que se incomodam, por exemplo, com o aumento da vigilância nos estádios.

A tradição, assim, legitimaria as agressões entre torcedores, as depredações nos estádios e o assédio nada velado às mulheres torcedoras? Violências pouco pensadas pela intocabilidade do território e da própria noção de tradição. Ou seja, aquele pensamento que elege a tradição como algo indiscutível, algo que se explica por si só. Seguindo este raciocínio, também cabe perguntar: Tradição também suporia precariedade e as violências simbólicas que ela comporta?

No caso do Brasil, o fato de ter-se eleito como “ideal” um estádio com estrutura precária em seus serviços básicos, como banheiro e acessibilidade, não pode supor uma aceitação ainda comum em nossa sociedade de que, o lugar do público, sobretudo o que comporta as camadas mais populares, é estruturalmente ruim e pouco cuidado? Não seria esse um reflexo do comodismo que presenciamos e de que fazemos parte em relação a outros serviços destinados ao povo? Nesse caso, a estrutura dos estádios tornou-se, ao longo dos anos, precária porque comporta, em sua maioria uma parcela da população que, historicamente, acostumou-se ao pouco?

Vê-se comumente hoje, como explicação para a alta dos preços dos ingressos, o maior investimento na estrutura dos estádios/arenas. Pois bem: será que as altas rendas de jogos e os altos lucros provenientes das transmissões e dos inúmeros patrocinadores que compõem o cenário futebolístico não seriam mais do que suficientes para manter os estádios em condições dignas de utilização? Em relação à dignidade, reporta-se, por exemplo, ao espanto causado no novo Mineirão quando os torcedores se deparam com papéis higiênicos e sabonetes nos banheiros. Uma necessidade básica, tratada como luxo e, pior, como uma benfeitoria dos eventos padrão FIFA e uma das justificativas para a alta dos ingressos.

Por outro ângulo, também é possível pensar nas inúmeras violências também produzidas pelo poder público e pelas empresas responsáveis pelas modificações nos estádios/arenas. Nesse caso, em nome da “modernização” que, no entanto, relaciona-se intimamente com a própria noção de tradição. Nesta perspectiva, podem ser pensadas as inúmeras transformações realizadas para se adequar os estádios aos produtos FIFA. As arenas multiusos tem um claro apelo mercadológico e, em sua implementação, pouco há de preocupação com aqueles que vivenciam o lugar. Embora seja preciso pensar que a natureza de algumas mudanças pode trazer benefícios aos torcedores, como a melhoria significativa de alguns dos problemas supracitados, é preciso tecer críticas à forma violenta como os hábitos e costumes dos torcedores têm sido enquadrados na produção de um espetáculo televisivo mais rentável. Neste caso, a própria justificativa das melhorias precisa ser tensionada, já que em um universo tão rico como o do futebol, faz-se necessária a realização de um megaevento para que condições dignas de uso sejam pensadas.

Quando nos referimos às violências produzidas pelas modificações nos estádios, pode-se citar como exemplo, a imposição da colocação de cadeiras e, conseqüentemente, da ação de assistir aos jogos sentados, situação que vem causando inúmeras tensões entre torcedores, guarda particular e policiamento em Belo Horizonte. Por que não se pensar em um estádio híbrido, que comporte ambas as formas de assistir ao jogo? Bom, pode ser que esta não seja uma solução tão rentável aos novos padrões, mas

possibilita pensar a pouca importância conferida a um costume tão comum em nosso país, que é o de assistir ao jogo em pé (mesmo que não seja unânime, vale ressaltar).

Diante de tais constatações, resta-nos questionar o que pode representar o apelo à tradição e à modernização no cerne dessas discussões que atravessam a realização da Copa do Mundo no Brasil. Esta questão toma forma ao observar-se, como mencionado anteriormente, a invocação à tradição como legitimadora das reivindicações de ambos os lados.

Os torcedores reivindicam um legítimo torcer, mas fundado em características que sequer estavam presentes nas primeiras manifestações, a exemplo da assistência, que comportava outras formas de presenciar uma partida de futebol. No caso das ações do poder público e das empresas privadas, a tradição aparece em situações mais sutis, na menção recorrente a signos do passado que remetem a uma história remota⁴⁵, como o caso da criação de museus. Este fato parece legitimar, paradoxalmente, a nova ordem organizacional dos estádios/arenas, com destaque às reformas que se julgam necessárias não apenas para a adequação aos novos parâmetros pensados para o jogo, mas para a sua própria manutenção e conservação (pensando em um novo sentido de estádio, que remonta a uma necessidade de estruturação igualmente nova). Assim, a tomada de medidas que visa tornar o estádio mais afeito aos preceitos dos espetáculos da atualidade, não descarta totalmente o vínculo com uma memória do espaço possível de se preservar. Uma memória interessada para a consolidação e (por que não?) para a criação de novos sentimentos de pertencimento às novas arenas.

Outro ponto que parece possível de ser pensado em meio a esta discussão é a própria estratégia de modificação da arquitetura na recente transformação de estádio para arena. Não parece casual a manutenção de certas características que remetem a um momento anterior às reformas. Em meio às inúmeras modificações, como a colocação de cadeiras e extinção de

⁴⁵ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

espaços que existiam; a aproximação do público ao campo; a melhoria dos serviços de bares e da estrutura dos banheiros; bem como da acessibilidade no interior dos estádios, dentre outros; é notável a preservação de particularidades, como certa rusticidade que sobrevive em meio às novidades. As proteções de vidro presentes em todo o estádio do Mineirão, antes grades de ferro, contrastam com a simplicidade da estrutura de concreto, que parece pouco pensada para atender a uma estética diferenciada.

A manutenção de certos toques grosseiros em meio a ferramentas consideradas “modernas”, como os novos sistemas de som e de projeção visual, a tecnologia do gramado, a cobertura dos estádios, os serviços oferecidos nos camarotes (cada vez mais próximos aos dos grandes espetáculos de entretenimento) parecem fornecer aos estádios, em seu processo de transformação em arenas, um elo identitário com o que, ao longo das últimas décadas, convencionou-se denominar estádio. Mesmo com toda a pretensão de se modificar a estrutura espacial para atender a certo padrão logístico calcado nas premissas de um mercado do entretenimento futebolístico em franco crescimento, suspeita-se que há um limite nas investidas.

Por exemplo, embora seja comum, atualmente, o torcedor se deparar com um ambiente mais limpo, com a ampliação das vias de acesso, com a higienização do serviço de alimentação e até presenciar a execução de estilos musicais antes inimagináveis no ambiente do estádio (“música popular brasileira”, a exemplo do Mineirão), arriscamos dizer que este, muito dificilmente, tornar-se-á parecido com um Shopping Center ou algo similar. Esta inferência deve-se ao fato de que o rompimento brusco com uma memória coletiva tão importante para a configuração da identidade de grande parte do território brasileiro, poderia questionar o sentido da existência do próprio esporte.

Isso remete a uma construção histórica do torcer vinculada a certas características territoriais, o que incita pensar em um dito processo de modernização que visa romper com “tradições indesejadas”, aquelas que se mostram como um entrave à rentabilidade do espetáculo. Nesse caso,

moderno seria o contrário da tradição que não se deseja, enquanto outras são eleitas e selecionadas para manter o elo identitário com o lugar.

Nesta perspectiva, a discussão de noções como “tradição” e “modernização” emerge como fundamental para o debate das tensões provocadas em torno da permanência ou da mudança de certos hábitos do torcer. A menção ao termo “modernização”, com o devido destaque em aspas, que sugere cuidados em sua utilização, é proposital na medida em que visa, justamente, tensionar o seu uso corrente nas bibliografias sobre o futebol brasileiro. Tanto “modernização”, como “modernidade” e “moderno” procuram, comumente, delimitar um momento histórico em que o futebol, enquanto esporte de origem inglesa, consolida-se no Brasil como uma, dentre outras práticas esportivas, reconhecidas como importantes símbolos de um tempo pautado no progresso e na formação de novos hábitos.

Em seus primórdios no país, enquanto prática organizada que, posteriormente, se institucionalizou, o futebol foi relacionado às possibilidades emergentes de se educar corpo e mente via esporte, com um forte apelo à formação moral da juventude cidadina. Embora o incentivo à prática não tenha sido consenso entre todos os intelectuais, médicos e higienistas, é bastante recorrente a associação do futebol com a formação de uma classe abastada em algumas regiões do país, como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, e com a necessidade de propagação de princípios norteadores de vida tidos como “modernos”.

No entanto, cabe problematizar que a referência à “modernização” e ao “moderno” anuncia muito mais do que um tempo histórico, até mesmo porque estas são categorias relativas, difíceis de alinhar a um período e lugar pré-estabelecidos. Sobretudo, pode-se pensar que esta referência expressa um predicado, uma característica e, portanto, confere um valor. Como observa Carvalho, os termos moderno, modernidade e modernização não podem ser confinados em um conceito previamente determinado, “mas requerem um contexto, ou circunstancialização histórica, em que sua

definição emerge tornando-se operatória”⁴⁶. Para o autor, “é possível delimitar propriedades necessárias, mas nunca suficientes para definir o moderno, a modernidade e a modernização”⁴⁷.

Pensando em sua relação com a tradição, modernização pode explicitar um valor dual, pois ao mesmo tempo em que o apelo à tradição recorre a uma crítica ao novo, também pode servir como um dos grandes elementos legitimadores do que se apresenta como “moderno”, ao emprestar legitimidade histórica às transformações.

Assim, para que o novo se legitime, é necessário o aval do passado, elemento essencial na criação de elos identitários em quaisquer sociedades. De forma semelhante, também o dito “tradicional” jamais conseguiria negar as mudanças na história, pois é improvável pensar em comunidades estáticas ou em culturas “puras”. Neste caso, muitas das manifestações consideradas tradicionais não poderiam sobreviver se não fosse sua divulgação via elementos ditos “modernos”, como as várias mídias, por exemplo.

Como observa Canclini⁴⁸ é importante ver o processo como “algo mais complexo do que uma relação entre meios manipuladores e dóceis audiências”.

Claro que as relações não costumam ser igualitárias, mas é evidente que o poder e a construção do acontecimento são resultado de um tecido complexo e descentralizado de tradições reformuladas e intercâmbios modernos, de múltiplos agentes que se combinam.

O que seria, então, a tradição vinculada aos modos e aos territórios do torcer, “abalada” e reutilizada incessantemente em meio aos conflitos instaurados na transformação dos estádios em arenas (ou seja, sua “modernização”), senão uma produção discursiva, atrelada a interesses e relações de poder? Resta refletir mais sobre os vetores que atuam nesse

⁴⁶ CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias*. p. 9, sd., p.12.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003, p.59.

conjunto de forças e sua resultante quando a efemeridade da Copa nos deixar.

Reflexões finais

Para além de quaisquer pretensões conclusivas, tencionou-se instigar uma reflexão mais apurada sobre (e a partir) dos novos acontecimentos gerados pelo sediamiento da Copa do Mundo de Futebol no Brasil, em 2014, sobretudo em Belo Horizonte, Minas Gerais. Neste caso, focaram-se as mudanças ocorridas quanto ao espaço de jogo, ou mais notadamente, as modificações que permitiram a transformação dos estádios em arenas.

Assim, desdobramentos teóricos sobre o espaço, pensado aqui como território, sustentaram o corpo discursivo do texto. Neste sentido, adotou-se a ideia de topofilia, ou da apropriação territorial afetiva pelos sujeitos, como central para o desenvolvimento do debate.

A questão se apresentou como uma pergunta a ser respondida por outros e novos investimentos acadêmicos: o que está ocorrendo representa uma perda da topofilia construída pelos torcedores em relação aos antigos estádios; ou a uma reconfiguração topofílica em relação às novas arenas? Da mesma forma, há uma desterritorialização ou uma configuração de novos pertencimentos territoriais?

Historicamente, vê-se que modificações quanto aos modos de torcer, quer pelos códigos explícitos, quer pelos simbólicos, sempre fizeram parte do complexo universo futebolístico. Neste aspecto, a construção e reforma dos estádios cumpriram, ao longo dos tempos, importante papel nas intenções de controle e manipulação (nem sempre exitosas) dos torcedores. Outra possibilidade de reflexão reside na perspectiva de um retorno aristocrático quanto à postura exigida para se pertencer ao novo território. Uma espécie de reelitização do comportamento das torcidas?

Por fim, no embate entre tradição e modernização, é sempre prudente não pensar hermeticamente. Ambos comportam relações de tensão e acomodação, resistências e aceitações. A tradição está presente no

moderno, numa relação mais dialógica que incompatível. Portanto, estádios e arenas coexistem no ambiente ainda nebuloso do momento atual.

O futebol representa, neste sentido, um laboratório privilegiado para se olhar o cotidiano social, posto que um fenômeno passional, abrangente e plural. A partir daqui, outros estudos e investigações podem permitir a elaboração de respostas (ou de novas perguntas).

Recebido em 13.01.2014
Aprovado em 09.05.2014